**Livros História:**

# Ginzburg atualiza o antiquário

## Historiador reúne em um só volume, *O Fio e os Rastros*, 15 ensaios cheios de surpresas e revelações

**Elias Thomé Saliba**
ESPECIAL PARA O ESTADO

Depois do dramático ataque de setembro de 2001, entrou em decadência aquele modismo pós-moderno de propalar que a realidade não existe e que tudo é criado pela linguagem. Hoje, os ventos da moda parecem soprar noutra direção e "pós-moderno" transformou-se numa espécie de etiqueta identificando uma caixa dentro da qual jogamos todas as coisas, boas ou más, que não mais conseguimos encaixar ou classificar. "Não devemos partir das boas velhas coisas, e sim das más coisas novas." Esse famoso conselho, dado por Brecht ao seu amigo Walter Benjamin, serve de oblíqua inspiração para o historiador Carlo Ginsburg em *O Fio e os Rastros*, coletânea dos seus mais importantes ensaios dos últimos 15 anos. Ginzburg concorda com Hobsbawm quando, num diagnóstico de 2002, o historiador marxista dizia que o maior perigo político imediato para a historiografia era o antiuniversalismo, ou seja, a convicção de que, independentemente das provas apresentadas, a minha verdade vale tanto quanto a sua. Mas Ginzburg também observa que a liquidação do pós-modernismo (como moda que aflorou marginalmente à historiografia) foi rápida e apressada: é necessário que o historiador aborde as relações entre a ficção e a realidade, desbravando aquele terreno fronteiriço que tanto incomoda os céticos pós-modernos, pois ele implica a realidade: o terreno do falso, do não autêntico, do fictício que se faz passar por verdadeiro.

Sinais traçados no papel ou no pergaminho, moedas, imagens, narrativas, fábulas e até pistas falsas – não importa, contra a afirmação de que "tudo é texto", Ginzburg vasculha e lê tudo a partir de sua própria ótica, que é a de um antiquário atualizado, arguto e sensível, investigando os rastros de realidade que todos os testemunhos da história deixam atrás de si. Mas são muitos os rastros, poucos os fios, e não é nada fácil para o leitor acompanhar Ginzburg nas estreitas veredas que ele abre: da conversão dos judeus de Minorca no século 5º à redescoberta dos xamanismo pela cultura européia, são 15 ensaios cheios de revelações e surpresas, que percorrem os mais variados e surpreendentes temas.

Um dos fios talvez seja o de verificar como um procedimento narrativo, o estranhamento, foi utilizado conforme a teia de significados culturais tecidos em diferentes épocas. Como na fábula de Voltaire, o *Diálogo entre Um Capão e Uma Franga*, em que um costume trivial (comer aves) que a maioria de nós acha natural é de repente desfamiliarizado: o distanciamento intelectual cria no leitor uma repentina identificação emotiva e a fábula abre a possibilidade de se ampliarem os limites da tolerância até incluir os animais. E a franga diz ao capão: "Por que o desejo de comer petiscos refinados pode justificar uma mutilação tão feroz?" No rastro dos formalistas russos, sendo o primeiro de todos Chklóvski, aprendemos a procurar o estranhamento no olhar do selvagem, da criança, ou até mesmo do animal: seres estranhos às convenções do viver civilizado, que registram com olhar perplexo ou indiferente, denunciando, assim, indiretamente, a insensatez das coisas. Para Ginzburg, Voltaire serviu-se desse procedimento literário para exprimir a irrelevância das diferenças religiosas. Mas, perseguindo o rastros dessa fonte, o historiador italiano retroage a Swift, a Montaigne, ou a uma narrativa escrita por Chapelain no século 17 – a qual acaba remontando ao romano Marco Aurélio! Um exagero que não chega a comprometer o todo, mas exemplifica a idéia de que qualquer inovação, em qualquer área, sempre constrói de trás para a frente a sua genealogia.

De qualquer forma, quando insere um testemunho ou texto

**O Fio e os Rastros**
**Carlo Ginzburg**
Companhia das Letras
432 págs., R$ 59

num contexto documental mais vasto, ou quando demonstra como um autor despista os seus leitores através de pistas falsas ou confissões autoconsoladoras, Ginzburg é inigualável. Em Stendhal, a técnica narrativa do discurso direto livre fornece voz ao isolamento e à ingênua vitalidade de personagens derrotados por um processo histórico que os leva de roldão e humilha todas as suas ilusões. Mas é um procedimento vedado aos historiadores, porque o discurso direto livre, por definição, não deixa rastros documentários. Ginzburg trabalha nessa zona desconhecida, situada aquém do conhecimento histórico e inacessível a ele. Ainda assim, mostra como os procedimentos narrativos funcionam como campos magnéticos: provocam novas indagações e atraem documentos potenciais.

Ginzburg investiga ainda as relações entre os famigerados Protocolos dos sábios de Sião e o livro obscuro no qual teriam se inspirado – o *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, escrito pelo francês Maurice Joly em 1864. E nos fornece uma demonstração rigorosa, de como uma refinada parábola política se transforma em tosca falsificação. Demonstração tão rigorosa que faz lembrar o ríspido veredicto de Adorno sobre as "falsidades que são necessárias", pois, afinal, o que o mundo mais deseja "é ser enganado".

Já no ensaio mais engajado, dedicado a Primo Levi, Ginzburg analisa o papel das testemunhas narrativas da memória do Holocausto. Aí os rastros conduzem a uma polêmica direta com Hayden White e, indireta, com o próprio Jean-François Lyotard. White havia sustentado que o ceticismo e o relativismo históricos podem proporcionar as bases cognitivas e morais da tolerância. Ginzburg mostra como tal pretensão é insustentável: na história, a tolerância sempre foi teorizada por indivíduos que tinham fortes convicções intelectuais e morais; e o ceticismo absoluto entraria em contradição consigo mesmo se não fosse estendido também à tolerância como princípio regulador. Mas Ginzburg termina num rastro ainda mais provocador, quase incendiário: o argumento que liga a verdade à eficácia atrai inevitavelmente não a tolerância, mas o seu oposto – o juízo fascista de Giovanni Gentile sobre o porrete como força moral.

Estimulado e deflagrado pelo seu livro mais famoso, *O Queijo e os Vermes*, Ginzburg também retorna, num dos ensaios mais brilhantes do livro, ao debate sobre a micro-história, no qual ele analisa os rastros deixados pelo último e inacabado livro de Siegfried Kracauer, *História: As Últimas Coisas antes das Últimas*. Até Kracauer falou em micro-história, assinalando que a discrepância entre micro e macro não era apenas uma questão de gosto ou escolha pessoal, mas um dilema cognitivo real dos historiadores. Inspirado em Marc Bloch, Kracauer só enxergava a solução num vaivém contínuo entre micro e macro – ou, para usar a linguagem do cinema que ele tanto prezava, entre close-ups e long shots. Única solução capaz de colocar em debate a visão conjunta da história por meio de exceções aparentes e elementos singulares.

Mas os rastros ainda conduzem Ginzburg ao Tolstoi de *Guerra e Paz*, que já dizia que um fenômeno histórico só pode se tornar compreensível por meio da reconstrução da atividade de todas as pessoas que dele participaram. E quando o leitor pensa que os rastros terminaram aí, Ginzburg descobre novas pegadas no quadro *Batalha entre Alexandre e Daria à beira do Isso*, pintado por Albrecht Altdorfer, em 1529. O pintor escolheu um ponto de vista altíssimo e distante, comparável ao de uma águia voando, sugerindo que nenhum olho humano conseguiu focalizar ao mesmo tempo a especificidade histórica de uma batalha e a sua irrelevância cósmica. Porque uma batalha é, a rigor, invisível, como nos recordam (e não só por efeito da censura militar) as reportagens da TV durante a Guerra do Golfo. Só um diagrama abstrato ou uma imaginação visionária como a de Altdorfer podem comunicar uma imagem inteira. Ginzburg considera lícito estender essa conclusão a qualquer acontecimento histórico: é só o olhar aproximado que nos permite captar algo que escapa à visão de conjunto e vice-versa.

Ginzburg poderia ser definido como um historiador que rejeita o rótulo de pós-moderno, mas não se exime de penetrar na floresta cética e subjetivista dos pós-modernos para melhor conhecer seus desafios. Em *O Fio e os Rastros* ele vai à caça apanhando o que há de melhor nas duas tendências. E mostra, afinal, que a melhor historiografia – para não falar da cultura em geral – está situada muito além de todas as etiquetas e rótulos. ●

Elias Thomé Saliba é historiador, prof. da USP e autor, entre outros, de *Raízes do Riso*

## os mais vendidos

**FICÇÃO**

1º (ÚLTIMA 1º/4 SEMANAS)
**A Cidade do Sol**
Khaled Hosseini

2º (ÚLTIMA 2º/27 SEMANAS)
**A Menina Que Roubava Livros**
Markus Zusak

3º (ÚLTIMA 3º/102 SEMANAS)
**O Caçador de Pipas**
Khaled Hosseini

4º (ÚLTIMA 4º/16 SEMANAS)
**O Guardião de Memórias**
Kim Edwards

5º (ÚLTIMA 5º/14 SEMANAS)
**A Sombra do Vento**
Carlos Ruiz Zafón

6º (ÚLTIMA *.*/1 SEMANA)
**Harry Potter and The Deathly Hallows**
J.K. Rowling

7º (ÚLTIMA 7º/9 SEMANAS)
**A Montanha e o Rio**
Da Chen

8º (ÚLTIMA 10º/46 SEMANAS)
**Travessuras da Menina Má**
Mario Vargas Llosa

9º (ÚLTIMA 6º/2 SEMANAS)
**Santuário**
Nora Roberts

10º (ÚLTIMA 9º/6 SEMANAS)
**Asterix e a Volta às Aulas**
Rene Goscinny e Albert Uderzo

**NÃO-FICÇÃO**

1º (ÚLTIMA 1º/20 SEMANAS)
**The Secret – O Segredo**
Rhonda Byrne

2º (ÚLTIMA 2º/17 SEMANAS)
**A Lei da Atração**
Michel J. Losier

3º (ÚLTIMA 3º/139 SEMANAS)
**O Monge e O Executivo**
James C. Hunter

4º (ÚLTIMA 4º/2 SEMANAS)
**Deus – Um delírio**
Richard Dawkins

5º (ÚLTIMA *.*/1 SEMANA)
**O Carrasco do Amor**
Irvin D. Yalom

6º (ÚLTIMA 8º/2 SEMANAs)
**Sobre o Islã – A Afinidade entre Muçulmanos, Judeus e Cristãos**
Ali Kamel

7º (ÚLTIMA 5º/52 SEMANAS)
**Marley e Eu: a Vida e o Amor ao Lado do Pior Cão do Mundo**
John Grogan

8º (ÚLTIMA 7º/6 SEMANAS)
**Código da Vida**
Saulo Ramos

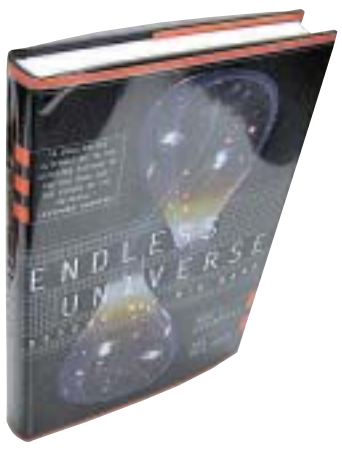
9º (ÚLTIMA 6º/33 SEMANAS)
**Transformando Suor em Ouro**
Bernardinho

10º (ÚLTIMA 9º/42 SEMANAS)
**Os Segredos da Mente Milionária**
T. Harv Eker

**Obs.: *.* não citado.**
**Fonte: InformEstado.**
**Data do levantamento 5/9/2007.**
**Período de venda de 27 de agosto a 2 de setembro. Livrarias Cultura 1 loja, Da Vila 3 lojas, Fnac 4 lojas, Laselva 17 lojas, Nobel 16 lojas, Saraiva 17 lojas e Siciliano 17 lojas.**

## NO MUNDO

Os lançamentos internacionais podem ser encontrados na Livraria Cultura, Av. Paulista, 2.073, tel. (0--11) 3170-4033



**Endless Universe**
**Paul J. Steinhardt e Neil Turok**
Doubleday
256 págs., R$ 65,62

### Físicos criam respostas para a teoria do Big Bang

●● Nas últimas três décadas, a teoria do Big Bang tem sido revisada para oferecer explicações sobre as primeiras galáxias e estrelas e sobre a atual expansão do universo. E, além disso, falta entender o que causou a explosão cósmica que deu origem ao universo há cerca de 14 bilhões de anos. Os físicos Paul J. Steinhardt e Neil Turok defendem a teoria do universo cíclico, segundo a qual o Big Bang não é o começo de tudo, mas uma ponte para um passado de repetidos ciclos de evolução. Eles afirmam que o Big Bang é apenas um momento nas infinitas colisões entre o nosso universo e um mundo paralelo. Assim, os autores oferecem uma visão provocante e nova sobre o passado e o futuro do cosmos.

**Against Kandinsky**
**MargaritaTupitsyn**
Hatje Cantz
224 págs., R$ 131,50

### Kandinsky e a luta entre movimentos artísticos

●● O pintor russo Vasily Kandinsky (1866-1944) tem posição única na história da arte: ele originou a pintura de estilo expressionista e defendeu a intuição e o sincretismo na abstração. A historiadora russa Margarita Tupitsyn utiliza essas características de Kandinsky para examinar a cisão entre o expressionismo e a abstração geométrica, movimentos artísticos que, historicamente, competem por supremacia teórica e estética. Em edição bilíngüe (inglês e alemão), o livro mostra o trajeto da abstração ao longo do século 20 sob uma perspectiva que, além de unir história social e cultural, ressalta os pontos de contato entre a arte européia e a americana, fortemente influenciadas pelas idéias de Kandinsky.

**Julie Mehretu**
**Vários autores**
Hatje Cantz
208 págs., R$ 170,95

### Pintora etíope ganha livro que reproduz suas criações

●● A obra da etíope Julie Mehretu tem como pilares a constante releitura da história e a construção de futuros possíveis. O Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León (Musac) foi o primeiro da Europa a abrigar seus trabalhos na exposição *Julie Mehretu, Black City*, reproduzidos na publicação. Quatro textos discutem a arte da pintora africana, uma referência mundial. Como diz Rafael Roncero, diretor do Musac, as criações de Mehretu "desenham a topografia de um mundo em que a luta e a resistência pudessem tornar real a utopia de um espaço e de um tempo, nos quais indivíduo e comunidade pudessem desenhar e determinar as estruturas que os dirigem, protegem e os tornam melhores".

## MUNDO LIVRO

### Ian McEwan é um dos finalistas ao Booker Prize deste ano

●●● O britânico Ian McEwan é um dos seis finalistas do Booker Prize, prêmio literário mais prestigioso do Reino Unido, que será entregue no dia 16 de outubro. McEwan concorre com *Na Praia*, romance sobre uma trágica história de amor que se passa nos anos 60 do século 20 no Sul da Inglaterra. Em 1998, McEwan ganhou o Booker Prize com *Amsterdam*. Ele é o favorito nas casas de apostas britânicas para ganhar a premiação de US$ 100 mil. Outro finalista com grandes chances é o neozelandês Lloyd Jones, autor de *Mr. Pip*, que venceu neste ano o prêmio Commonwealth. Concorrem também a britânica Nicola Barker (*Darkmans*); a irlandesa Anne Enright (*The Gathering*); o paquistanês Mohsin Hamid (*The Reluctant Fundamentalist*) e anglo-indiana Indra Sinha (*Animal's People*). EFE

### Editora lança 69 poemas compilados por Che Guevara

●●● A editora espanhola Planeta vai publicar uma antologia de poemas de autores iberoamericanos compilados por Che Guevara. A informação é do escritor mexicano Paco Ignacio Taibo II, que prefaciou a publicação e analisou *O Caderno Verde de Che*. Quando a CIA e o serviço secreto boliviano detiveram Che em 1967, encontraram o caderno na mochila do revolucionário argentino. Biógrafo de Che, Taibo II analisou fotocópias com o conteúdo do caderno, que foram guardadas em uma caixa-forte na Bolívia e chegaram há dois anos à Planeta. Os 69 poemas reunidos pertencem ao chileno Pablo Neruda, ao cubano Nicolás Guillén, ao peruano César Vallejo e ao espanhol León Felipe. Os versos foram copiados por Che entre novembro de 1966 e outubro de 1967. EFE

### "A literatura lançou o homem na rota da civilização", diz Llosa

●●● "A literatura é uma filha tardia da tarefa primitiva de inventar e contar histórias, que humanizou a nossa espécie e lançou os homens na rota da civilização", disse o escritor peruano Vargas Llosa. A afirmação estava no discurso *Viagem à Ficção*, que Llosa fez ao receber, na quarta passada, o primeiro doutor honoris causa da Universidad de La Rioja, na Espanha, que ora celebra o aniversário de 15 anos. Ganhador do prêmio Cervantes em 1994, Llosa homenageou contadores de histórias, feiticeiros, jograis e trovadores que, para ele, contribuíram com narrações e relatos para o nascimento da literatura. Ele afirmou que "a escrita deu às ficções estabilidade e permanência que as ficções orais não podiam" e que, sem a ficção, a liberdade não existiria e a aventura humana seria tão rotineira como a vida de um animal. EFE